

## DESAFIOS E ATRAVESSAMENTOS DE UM BANHEIRO SEM GÊNERO NO IFRJ CDUC

Karolynne Campos de Morais <sup>1</sup>

Ana Alice de Freitas Lana <sup>2</sup>

Breno Silveira de Araújo <sup>3</sup>

Victor Hugo Vasconcellos de Oliveira <sup>4</sup>

Nathan de Sousa Ranna <sup>5</sup>

Gabriela Salomão Alves Pinho <sup>6</sup>

### RESUMO

Esse trabalho surgiu frente ao desafio de garantir acessibilidade nos banheiros do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) campus Duque de Caxias (CDUC). Como espaços essenciais, devem ser projetados de forma a incluir todas as pessoas, independentemente de seu gênero ou características físicas. No entanto, a primeira coisa que se observa antes de entrar em um banheiro público é a segregação, binarismo e a normatividade que são descritos nas placas identificatórias feminino/masculino. Assim, este trabalho tem como propósito investigar o que pensa a comunidade do IFRJ CDUC, bem como os desafios e os efeitos da implementação de um banheiro sem gênero. Na primeira etapa, discutiu-se acerca dos relatos e acontecimentos do não pertencimento de pessoas trans e não binárias nos banheiros do campus. Na segunda etapa, criou-se e aplicou-se um questionário virtual e físico, com o intuito de avaliar a opinião de estudantes e servidores sobre o tema em pauta. Com o resultado dessa pesquisa, foi possível observar uma rejeição parcial (55,6%) por parte da comunidade estudantil, em contrapartida, observou-se maior aceitação por parte dos servidores do câmpus (51,5%), frente à possibilidade da implementação de um banheiro sem gênero. Em conclusão, é importante reconhecer que essa abordagem desafia normas e estereótipos de gênero, além da prevalência de fatores como: o medo do assédio, o ultraconservadorismo demarcado pela religião, a estrutura precária do campus e a reprodução da heteronormatividade. Considerando o recorte social abordado, é válido analisar como o avanço na formação acadêmica se relaciona com a desconstrução de tabus e preconceitos, em especial se as temáticas de gênero e sexualidade forem devidamente abordadas e debatidas durante a trajetória formativa, garantindo, assim a inclusão de todas as pessoas nos banheiros públicos, independentemente de sua identidade de gênero.

**Palavras-chave:** Gênero e Sexualidade, banheiros sem gênero, inclusão, heteronormatividade.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRJ, [karolynne.campos@outlook.com](mailto:karolynne.campos@outlook.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRJ, [anaaliceflana@gmail.com](mailto:anaaliceflana@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRJ, [silveira.brenoaraujo@gmail.com](mailto:silveira.brenoaraujo@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRJ, [victorhvo2912@gmail.com](mailto:victorhvo2912@gmail.com);

<sup>5</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRJ, [nathan.s.ranna@gmail.com](mailto:nathan.s.ranna@gmail.com);

<sup>6</sup> Professora, pesquisadora e extensionista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRJ campus Duque de Caxias. Doutora em Psicologia Clínica PUC-Rio, [gabriela.pinho@ifrj.edu.br](mailto:gabriela.pinho@ifrj.edu.br).

## INTRODUÇÃO

Sendo notório o crescimento das lutas do movimento LGBTQIAP+ nos últimos anos, especificamente se tratando de questões de gênero e sexualidade, muitos direitos foram conquistados pela comunidade. Por exemplo: o direito ao nome social nos documentos oficiais, o direito à união estável e o direito a doar sangue. Entretanto, determinadas conquistas ainda não garantem completamente a inserção de pessoas trans, não-binárias e intersexo num espaço público, visto que a utilização de um banheiro ainda se torna um grande desafio.

Posta a determinada situação, o objetivo do trabalho preza em romper com as barreiras da cisheteronormatividade e da generificação das placas dos banheiros do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) campus Duque de Caxias (CDUC), tendo sido iniciado a partir de discussões e estudos de casos que envolviam pessoas da comunidade do Instituto, não-binárias e transgêneras, e o seu não pertencimento nos banheiros do campus.

Atualmente, no Brasil, não existe uma lei que assegure o acesso de pessoas transgêneras e não-binárias ao banheiro do gênero com que se identificam. Em decorrência a esta ausência da lei, que é acobertada pela transfobia, causa-se violação da dignidade humana e também ao direito de liberdade sexual e de gênero dessas pessoas; como foi o caso, relatado pelo “O Globo” esse ano, envolvendo uma aluna trans que foi expulsa ao entrar em um banheiro feminino da Universidade de Brasília (UNB).

A Constituição Federal de 1988 cumpre um papel importante na formação cidadã da população, assegurando que a educação é um direito de todos, sem qualquer tipo de distinção. Entretanto, em 2020, numa nota divulgada pela ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 70% da população trans não concluiu o ensino médio e 0,02% estão ingressando no ensino superior. Diante disso, como garantir o acesso e permanência destas pessoas na educação, mesmo com os diversos casos de discriminação dentro dos banheiros públicos das escolas, Institutos e Universidades?

A inserção e permanência nesses espaços públicos por pessoas transgêneras e não-binárias não só demonstram um empoderamento dessa classe, mas, também, enfrentam o conceito do binarismo de gênero e da heteronormatividade. A existência de um banheiro sem

gênero implica no fim destes conceitos, visto que, os mesmos também são dispostos nas placas identificatórias dos banheiros. Além disso, também põe fim no problema sobre qual banheiro uma pessoa transsexual e/ou não-binária deve utilizar para que, nem ela e nem outras pessoas, se sintam constrangidas ou impedidas de acessarem o local, contribuindo para a permanência dentro dos espaços acadêmicos.

Por fim, este trabalho tem natureza descritiva, onde buscou-se entender os pensamentos de toda a comunidade do campus em relação ao objeto de pesquisa citado anteriormente. Para este fim, foram aplicados questionários que tinham como pergunta central a opinião da comunidade sobre concordarem ou não com a implementação de um banheiro sem gênero no Instituto.

## **METODOLOGIA**

Para os fins desta pesquisa, este trabalho teve uma abordagem descritiva, onde buscou-se entender os pensamentos da comunidade acerca da possibilidade de implementação de banheiros sem gênero no IFRJ CDUC. A pesquisa se dividiu em duas etapas.

Na primeira etapa, discutiu-se, na disciplina “Gênero e Sexualidade na Formação de Professores” acerca dos relatos e acontecimentos do não pertencimento de pessoas trans e não binárias nos banheiros do campus. O relato central se concentrou na situação de um/uma discente que não conseguia usar o banheiro de sua preferência em razão de ser lido como do gênero “oposto”, e portanto, precisou recorrer ao banheiro da direção do campus pois este não possuía delimitação de gênero.

Na segunda etapa, criou-se e foi aplicado um questionário anônimo virtual e físico, com o intuito de avaliar a opinião de estudantes e servidores sobre o tema em pauta. O questionário físico era o mesmo do virtual e foi utilizado caso o participante não tivesse acesso ao celular e/ou internet. O questionário consistia em 10 (dez) perguntas cujas respostas eram discursivas e objetivas.

- 1) Você é estudante ou servidor?
- 2) Qual é o seu curso?
  - Técnico em Química integrado ao Ensino Médio
  - Técnico em Petróleo e Gás integrado ao Ensino Médio
  - Técnico em Plásticos integrado ao Ensino Médio

- Técnico em Manutenção e Suporte em Informática (Educação de Jovens e Adultos)
  - Técnico em Petróleo e Gás Concomitante
  - Técnico em Plásticos Concomitante
  - Técnico em Segurança do Trabalho Concomitante
  - Licenciatura em Química
  - Pós-graduação em Educação Física Escolar
- 3) Qual é a sua função? (Para caso a resposta da primeira pergunta tenha sido “servidor”)
- Docente
  - Técnico Administrativo
  - Terceirizado
- 4) Qual é a sua idade?
- 5) Como você se identifica?
- Mulher cis
  - Homem cis
  - Mulher trans
  - Homem trans
  - Não-binário
- 6) O que é um banheiro sem gênero?
- 7) Você acompanha o debate/ luta/causa dos banheiros sem gênero?
- Sim
  - Não
- 8) Por onde e como você acompanha?
- 9) Você apoia que os banheiros do IFRJ CDUC se tornem banheiros sem gênero?
- 10) Por quê?

A aplicação do questionário virtual foi realizada por meio da plataforma Google Forms, enquanto que o questionário físico foi aplicado presencialmente em todas as salas do IFRJ CDUC, em todos os turnos (manhã, tarde e noite). O período da coleta de dados foi estabelecido durante os meses de abril e maio.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Para entender a complicação central da generificação do banheiro, torna-se imprescindível compreender as raízes da situação, especificamente a estruturação e aparatos da ideia de gênero na sociedade. Judith Butler, em 2017, no seu artigo para a Folha de São Paulo, vai apontar para a circunstância de atribuição de um gênero a uma pessoa logo após o nascimento e as expectativas sociais decorrentes dessa imposição.

Ao designar o gênero, sendo este o sexo masculino ou feminino, a sociedade indicará comportamentos e aprendizagens determinados pela cultura e as instituições sociais (família, escola, igreja, trabalho) que a compõem (LOPES, 2008, pág 22), ajustando assim posições de ser e existir no indivíduo. Com isso, uma pessoa é constantemente submetida a uma coleção de ações de acordo com seu gênero: como se vestir, agir, se comportar e se relacionar.

Entretanto, pessoas trans, terminologia escolhida para referenciar pessoas travestis, transexuais e transgêneros (Alves, 2017), embaralham essa concepção binária de gênero (“feminino” e “masculino”), e por conta disso, vivenciam diversos enfrentamentos, sendo um deles: o uso dos banheiros públicos.

Para Alves, 2017: “as portas dos banheiros públicos carregam um símbolo (feminino ou masculino), que é uma interpelação de gênero, como se o banheiro fosse um lugar mais próprio para refazer o gênero do que para fazer necessidades fisiológicas.” Sendo assim, um aparato de separação e segregação; pois acaba por limitar as pessoas a recorrer às normas socialmente construídas do gênero feminino e masculino para adentrar esses espaços, e qualquer “anormalidade” a esta norma é vista com hostilidade.

Dessa forma, a utilização do espaço do banheiro com distinção binária de gênero se torna uma situação constrangedora para pessoas intersexo, não binários e trans, sobretudo àquelas que não performam, aos olhos da sociedade, o gênero com que se identificam. Butler (2018, p. 15) afirma que: “supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos.”

A partir disso, deve-se pensar o papel da educação perante essas questões, a fim de desconstruir estereótipos e valorizar a diversidade. Pois, de acordo com Paulo Freire, renomado educador e filósofo brasileiro, “a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” e o ambiente escolar, como um dos principais promotores da educação, assume um dever importante em exponenciar a conscientização dessas problemáticas (MELO, 2019, pág 331) a fim de combatê-las e garantir um acesso

democrático a toda a pluralidade do ser humano num espaço tão simples e necessário que é o banheiro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa revela dados significativos sobre o tema em pauta. Sabe-se que o IFRJ CDUC possui uma comunidade acadêmica muito ampla, sendo formada por alunes de cursos técnicos (integrado e concomitante), graduação, pós graduação e Ensino de Jovens e Adultos - EJA, atendendo atualmente mais de mil e duzentos alunes.

Durante os dois meses da divulgação da pesquisa e também da coleta de dados, obtivemos a participação de 215 pessoas, com participação de estudantes (83,7%) e servidores (16,3%).

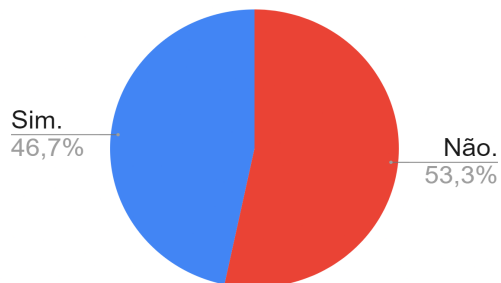
Das 180 respostas dos estudantes, 32,8% correspondiam aos estudantes do curso de graduação de Licenciatura em Química do campus, 23,3% correspondiam ao curso técnico em Plásticos integrado, 22,8% correspondiam ao curso técnico em Química integrado, 17,8% correspondiam ao curso de Petróleo e Gás integrado, 1,7% correspondiam ao curso técnico de Manutenção e Suporte em Informática (EJA), 1,1% correspondiam ao curso de Plásticos concomitante e 0,6% correspondia ao curso técnico em Segurança do Trabalho concomitante. Apenas os estudantes do curso de petróleo e gás concomitante e da pós-graduação não participaram da pesquisa.

Já em relação aos servidores, das 35 respostas obtidas, 65,7% correspondiam aos docentes, 25,7% aos técnicos administrativos e 8,6% aos terceirizados, na área da limpeza e também da segurança.

Estudando profundamente a composição da comunidade, 53,9% dos estudantes se identificaram como mulher cis, 41,7% como homem cis, 3,3% como não-binários, 0,6% como mulher trans ou homem trans. Paralelamente a isso, 60% dos servidores se identificam como mulher cis, 37,1% como homem cis e 2,9% como não-binário.

Partindo para a análise da pergunta principal, buscando entender a opinião da comunidade, obteve-se os seguintes dados:

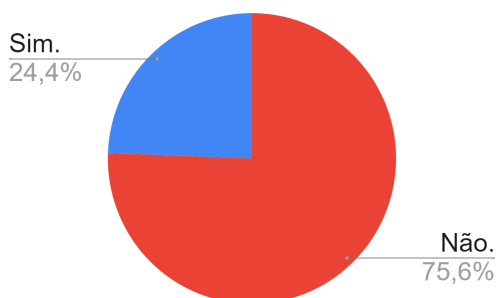
### Gráfico geral - Opinião dos servidores e alunos



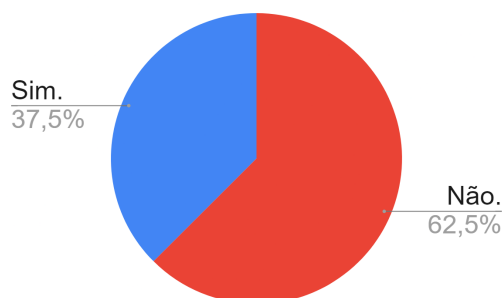
Fonte: produção dos próprios autores.

### GRÁFICOS ESPECÍFICOS

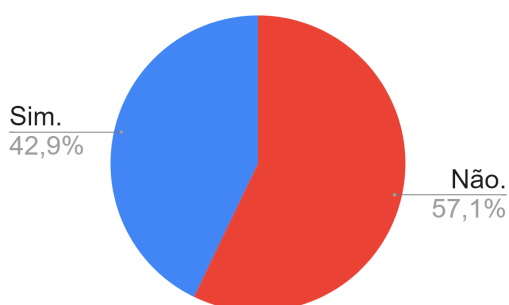
Técnico em Química integrado ao Ensino Médio



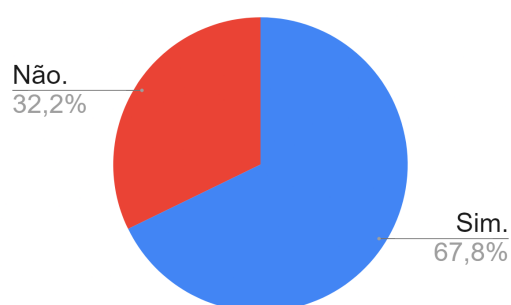
Técnico em Petróleo e Gás integrado ao Ensino Médio



Técnico em Plásticos integrado ao Ensino Médio

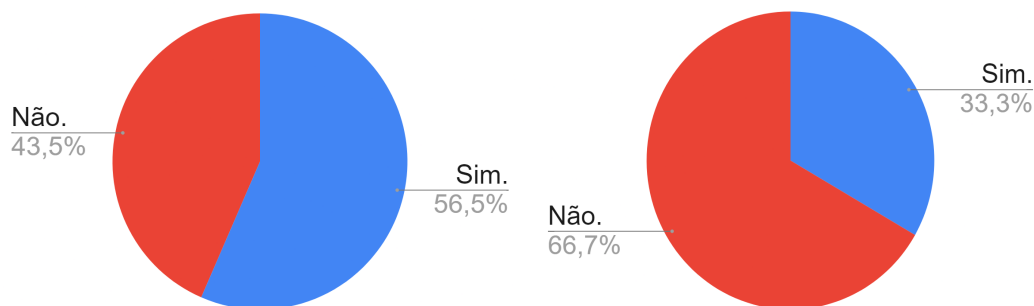


Licenciatura em Química



Docentes

Técnico administrativo



Pós-graduação em Educação Física Escolar: **Sem dados.**

Setor Terceirizado: **100% de aprovação**

Técnico em Manutenção e Suporte em Informática (Educação de Jovens e Adultos): **100% de rejeição**

Técnico em Plásticos Concomitante: **100% de rejeição.**

Técnico em Segurança do Trabalho Concomitante: **100% de rejeição.**

Técnico em Petróleo e Gás Concomitante: **Sem dados.**

Após analisar os dados, foi possível perceber como o avanço do nível de formação acadêmica dos indivíduos influenciou o viés das respostas do questionário. Especificamente nas áreas de licenciatura, a Agência Brasil em 2015 publicou que aproximadamente 60% das faculdades no Brasil incluem uma disciplina voltada para gênero e sexualidade na formação docente, e a presença desses tópicos na grade curricular ajuda no combate a preconceitos pois conscientiza e naturaliza as diferenças de manifestações do gênero e da sexualidade (VENTURI, 2011).

De modo geral, houve uma maior aversão à ideia proposta no questionário por parte dos técnicos administrativos, estudantes de segurança do trabalho, estudantes de Química integrado ao Ensino Médio, técnicos de Plásticos e EJA. Por outro lado, os docentes, licenciandos e terceirizados tiveram uma maior recepção para implementação dos banheiros. Isso pode ser devido a um conjunto de fatores, sendo o principal o maior contato com as discussões propostas sobre o tema em pauta.

Em algumas respostas, foi possível perceber, por parte de mulheres cis, a negação da implementação dos banheiros sem gênero, em razão do medo acerca do aumento os números de casos de assédio, que já acontecem pelos corredores do campus. Em uma resposta: “na minha opinião banheiros sem gênero, poderia expor tanto meninos como meninas a assédios, com mais frequências já que qualquer uma poderia utilizar sem ter separação por gênero” e



em outra: “Acho muito desrespeitoso ter que dividir o banheiro com alguém do sexo oposto, fora os assédios, se um grupo de pessoas não sente confortável em usar o banheiro, que faça um terceiro banheiro”. Isso pode ser justificado pelo fato dos banheiros do campus não serem privados (uma única cabine). Observou-se que em algumas respostas, houveram as alternativas de que mantivessem a separação de gênero nos banheiros, mas que construíssem um outro banheiro especificamente sem gênero.

A dita alternativa seria o caminho viável, se analisando o gráfico principal, pois não iria ser em oposição à opinião majoritária que respondeu “não”. Entretanto, a recorrência dessa “solução” é, ainda, contribuir para a estruturação de generificação do banheiro e ignora o problema central que é a cultura do patriarcado e as relações de poder entre os gêneros que provém deste.

Para além disso, diversas respostas foram embasadas no ultraconservadorismo demarcado pela religião, a transfobia e os preconceitos sobre essas temáticas, entre as afirmações destacam-se: o reforço à estrutura binária de gênero (homem/mulher) e a existência de outras questões que foram ditas como “mais importantes”, a exemplo da melhoria da infraestrutura dos banheiros já existentes no Instituto.

Atualmente, o IFRJ CDUC possui um núcleo ativo que discute pautas sobre gênero e sexualidade, Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS), entretanto a falta de políticas afirmativas que garantam a dignidade e permanência dessa comunidade no IFRJ CDUC influencia negativamente na discussão e implementação de banheiros sem gênero. Pois, observamos que 67,2% dos estudantes e servidores disseram não acompanhar o debate acerca dessa temática.

Em comparação com outro campus do Instituto Federal, também localizado na Baixada Fluminense, o campus Belford Roxo, é possível observar que há avanços relacionados à implementação de banheiros sem gênero. O “Banheiro de gente” surgiu no campus visando solucionar dificuldades enfrentadas por pessoas transexuais ao utilizarem banheiros públicos e com intuito de fomentar as discussões sobre inclusão e respeito à diversidade.

Além disso, o Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) publicou a Portaria nº 665, de 23 de março de 2023 acerca da utilização de banheiros, dormitórios e espaços segregados, garantindo o uso desses espaços para pessoas de acordo com suas identidades de gênero. Reforçando, o papel das instituições educacionais perante a estas pautas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da proposta deste trabalho, destacou-se a importância do debate acerca da implementação de banheiros sem gênero no IFRJ-CDUC. Essa discussão se faz necessária ao passo que cada vez mais pessoas trans, não-binárias e intersexo devem e precisam ocupar espaços públicos e, necessariamente, precisam se sentir confortáveis, acolhidas e representadas nos mesmos.

A partir da análise dos dados obtidos, percebeu-se tendências que conduziram as respostas do questionário. O constante medo de assédios e falas enviesadas pelo preconceito de gênero, além de preocupações primeiro com a infraestrutura do campus que, aparentemente, não poderia suportar uma mudança na forma com que os banheiros são distribuídos foram o principal conteúdo dos retornos das questões debatidas. Tamanhas preocupações, especialmente dos assédios, ainda sinalizam para o árduo caminho na igualdade de gênero e para as desconstruções estruturais dos papéis dos mesmos.

O aparatos de gênero e sexo necessitam ainda de serem criticados, repensados e reformulados para acomodarem a multiplicidade que há na existência de cada indivíduo. Não apenas no intuito de reconhecer outras formas de ser, mas, também quebrar com os poderes que se alastram neles. A figura da mulher, do feminino, por vezes ainda é tratada como subordinada ou objeto, ao homem, ao masculino, e é urgente a necessidade de uma reforma dos valores que são inseridos ao gênero.

O avanço proporcionado pelos outros Institutos Federais no que diz respeito a inclusão de banheiros sem gênero pode e deve servir de exemplo para iniciar formalmente esta discussão no IFRJ-CDUC. Ressaltando não somente os pontos positivos, mas, também, os negativos, para que se possa evitar erros que dificultam a implementação daqueles. Espera-se que, com as discussões levantadas a partir deste trabalho, reflexões sobre a problemática em questão sejam inseridas durante debates do que se pode melhorar no campus.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a toda comunidade do IFRJ CDUC por fazer desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cláudio E. R; MOREIRA, Maria I. G; JAYME, Juliana G. **O binarismo de gênero nas placas de banheiros em espaços públicos**. *Psicologia e Sociedade*, v. 3, e. 228122, p. 1-18, junho de 2021.

CARDOSO, Helma de Melo. **Gênero, sexualidade e escola: contribuições da teorização de Foucault**. *Revista Tempos e Espaços em Educação*. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/9652>>. Acesso em: 05 de agosto de 2023.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Ifes publica portaria sobre utilização de espaços de acordo com a identidade de gênero. *Ifes*, 24 de março de 2023. Disponível em: [Ifes publica portaria sobre utilização de espaços de acordo com a identidade de gênero](#). Acesso em: 05 de agosto de 2023.

MARTINS, Elisa. Trans: quando ter um banheiro é um privilégio que exige luta. *O globo*, 10 de janeiro de 2023. Disponível em: [Trans: quando ter um banheiro é um privilégio que exige luta \(globo.com\)](#). Acesso em: 05 de agosto de 2023.

OLIVEIRA, Paulo V. P; **Liberdade de gênero e sexualidade: o papel da educação na construção da identidade**. *Revista Communitas*, v. 1, n. 1, (Jan-Jun) 2017.

RIOS, Roger; HERTZOG, Alice. **Direitos humanos e o “direito dos banheiros”**. *Antra*, 19 de julho de 2018. Disponível em: [Direitos humanos e o “direito dos banheiros” – Associação Nacional de Travestis e Transexuais \(antrabrasil.org\)](#). Acesso em: 05 de agosto de 2023.

**Nota da Antra sobre cotas e reservas de vagas em universidades destinadas às pessoas trans**. *Antra*, 17 de dezembro de 2020. Disponível em: [NOTA DA ANTRA SOBRE COTAS E RESERVAS DE VAGAS EM UNIVERSIDADES DESTINADAS ÀS PESSOAS TRANS – Associação Nacional de Travestis e Transexuais \(antrabrasil.org\)](#). Acesso em: 05 de agosto de 2023.

**Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil.** Traduzido por: ALLAIN, Clara. Folha de S. Paulo, 19 de novembro de 2017. Disponível em: [Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil - 19/11/2017 - Ilustríssima - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 05 de agosto de 2023.

PINOTTI, Fernanda. **Transfobia é crime?**. CNN Brasil, 09 de março de 2023. Disponível em: [Transfobia é crime? \(cnnbrasil.com.br\)](#). Acesso em: 05 de agosto de 2023.

LOPES, Guacira. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Revista Pró-posições, v. 19, n. 2 (56), (Maio-Ago) 2008.

CRUZ, Fernanda. **Quase 60% das faculdades incluem sexualidade e gênero na formação de professores.** Agência Brasil, 26 de novembro de 2015. Disponível em: [Quase 60% das faculdades incluem sexualidade e gênero na formação de professores | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](#). Acesso em: 05 de agosto de 2023.

VENTURI, Gustavo. **Da construção dos dados à cultura da intolerância às diferenças.** Diversidade sexual e homofobia no Brasil, p. 175-188. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

WOYAMES, Danyelle. **Campus Belford Roxo apresenta o “banheiro de gente” e é premiado na Reditec.** Portal IFRJ, 18 de setembro de 2018. Disponível em: [Campus Belford Roxo apresenta o "Banheiro de Gente" e é premiado na Reditec | IFRJ](#). Acesso em: 05 de agosto de 2023.